

Para uma filosofia da fotografia.

I: Imagem tradicional e imagem tecnica.

(Para IRIS, SP)

Imagens sao superficies significativas. Significam a circunstancia. A circunstancia tem as quatro dimensoes do espaco-tempo. As imagens tem as duas dimensoes do plano. Para significarem a circunstancia, as imagens abstraem duas dimensoes, a saber: a profundidade e o tempo. Sao abstracoes superficiais e intemporais do espaco-tempo. A capacidade para fazer tais abstracoes e chamada "imaginacao". A sua contrapartida e a capacidade de reconstituir a circunstancia a partir das imagens, le-las. Imagens sao produtos dessa dupla capacidade imaginativa.

A imagem e composta de elementos que significam elementos da circunstancia: de "simbolos". Os elementos imaginisticos se relacionam mutuamente na superficie da imagem. Tais relacoes sao estabelecidas pelo olho que percorre a superficie afim de decifra-la. O caminho percorrido pelo olho estabelecedor de relacoes simbolicas e funcao da intencao do produtor da imagem, acrescida da intencao do decifrador da imagem. As relacoes simbolicas sao portanto produto de sintese de duas intencionalidades. Por ser a relacao imaginistica sintetica, "intersubjetiva", não é denotativa. Imagens nao tem significado claro e distinto, independente do decifrador da sua mensagem. Tem elas, pelo contrario, significado conotativo. Devem ser interpretadas. O universo significado pelas imagens e universo confuso e denso.

As relacoes simbolicas que o olho vai estabelecendo na imagem sao reversiveis. O olho volta sempre de novo para ver elementos ja contemplados, e "depois" e "antes" passam a ser termos reversiveis. O tempo reconstituído pelo olhar decifrador e o tempo do eterno retorno. O tempo da magia, do rito, e do mito. Todo elemento da imagem confere significado a todos os demais, e deles recebe, por sua vez, seu proprio significado. Nao o elemento individual, mas as relacoes contextuais, "Sachverhalte", conferem significado a mensagem da imagem. O universo significado pelas imagens e o universo circular e densamente significati^{tivo} da magia.

Imagens sao mediacoes entre a circunstancia e o homem. O homem se orienta na circunstancia gracias a imagens. Toda mediacao esta sujeita a dialectica interna. O medium representa, mas tambem esconde o representado. Substitui-se pelo representado. As imagens podem portanto passar de mapas da circunstancia para serem biombos que obstroem a visao do universo significado por elas. O homem nao mais se orientara na circunstancia gracias as imagens, e passara a se orientar nas imagens. Tal inversao da funcao das imagens e chamada "idolatria". Nela, o homem se aliena das imagens, esquece que sao elas seu proprio produto, e passa a viver em funcao das imagens. "Imaginacao" passa a ser "alucinacao", imagem e confundida com vivencia concreta. E o que podemos observar atualmente na nossa relacao com TV, com filmes, com fotografias. A sociedade comeca a viver em funcao das mensagens magico-miticas das imagens tecnicas, que sao tomadas como vivencias concretas, e cujo carater simbolico, abstrato, vai caindo no esquecimento. A idolatria atual e mais densa que a idolatria combatida outrora pelos profetas judeus e filosofos gregos, por ser o carater simbolico das imagens tecnicas mais elusivo que nas imagens tradicionais, mais difidl a ser desencoberto.

As imagens tradicionais, a começar por Lascaux até as telas atuais, são evidentemente "obras" humanas. Produtos de um homem que "traduziu" a circunstância para o plano. Que "codificou" os elementos da sua imagem. Quem vê imagem tradicional, esta na presença de um esforço codificante, e quem procura decifrar imagem tradicional, procura decodificar o código proposto pelo produtor da imagem. De maneira que o caráter simbólico, abstrato, da imagem tradicional é facilmente constatável. As imagens técnicas, a começar pela fotografia até o vídeo e o holograma, são produtos de aparelhos. O papel do homem se reduz, na sua produção, à manipulação de aparelhos, e existem imagens técnicas produzidas automaticamente, sem intervenção humana. Aparelhos são mecanismos. Os aparelhos produtores de imagens são caixas que se alimentam de raios refletidos pela circunstância, e que fixam os traços de tais raios em superfícies sensíveis. As imagens técnicas surgem mecanicamente. De maneira que não existe, aparentemente, nenhum esforço "codificante" entre a imagem técnica e a circunstância representada por tal imagem. Aparentemente, as imagens técnicas são imagens "objetivas", e seu caráter simbólico é dificilmente constatável. O que explica a densidade da atual idolatria.

Na realidade, no entanto, os aparelhos são caixas cientificamente programadas. Os aparelhos produtores de imagens são programados para aceitarem determinado tipo de raio, a submeterem tais raios a determinadas operações, e a fixarem tais raios processados em determinadas superfícies de determinada maneira. Além disto, os aparelhos produtores de imagens são programados a assumirem determinados pontos de vista com relação à circunstância, e de serem manipulados de determinada maneira pelos seus operadores. De maneira que as imagens técnicas são, tanto quanto o são as tradicionais, produtos de um esforço codificante, esforço este empreendido pelos programadores dos aparelhos, assistidos ou contestados pelos operadores. Não são, de maneira alguma, mais "objetivas" que as imagens tradicionais, e, já que escondem melhor seu caráter simbólico, são ainda mais "enganadoras". A "arte" nelas esconde ainda melhor a arte, ("l'art cache l'art"). Desencobrir o caráter simbólico da mensagem das imagens técnicas, os códigos sobre os quais tais imagens repousam, é contribuir para a des-idolatrização, a des-alienação, da sociedade. E contribuir para o combate contra a magicização e mitificação programadas da nossa vida. Esta é a primeira tarefa de toda futura filosofia da fotografia: procurar desvendar os programas dos quais as fotografias são resultado.